

O SEQUESTRO DA POESIA DE ROBERTO SCHWARZ

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p349-358>

Ricardo Musse

RESUMO

Roberto Schwarz é reconhecido sobretudo como crítico literário. Seus livros e ensaios são citados, no entanto, em artigos, dissertações, teses e livros nas áreas de história, filosofia, educação, comunicação, antropologia, sociologia, ciência política, etc. Considerando esse conjunto trata-se de um dos autores mais citado em língua portuguesa. Seus dois livros de poesia têm, no entanto, passado despercebido, inclusive entre os seus discípulos confessos. Este artigo contém um relato da recepção de *Pássaro na gaveta* e *Corações veteranos*.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Schwarz; poesia brasileira; poesia marginal; ditadura militar.

ABSTRACT

Roberto Schwarz is primarily recognized as a literary critic. However, his books and essays are frequently cited in articles, dissertations, theses, and books across various fields, including history, philosophy, education, communication, anthropology, sociology, and political science. Given this breadth, he stands

KEYWORDS: Roberto Schwarz; Brazilian poetry; marginal poetry; military dictatorship.

among the most-cited authors in the Portuguese language. His two poetry books, however, have largely gone unnoticed, even among his acknowledged disciples. This article presents an account of the reception of *Pássaro na gaveta* and *Corações veteranos*.

As novas gerações, inclusive seus discípulos mais recentes, desconhecem a obra poética de Roberto Schwarz. A predileção do crítico literário pela forma ensaio deveria, por si só, alavancar a suspeita de sua afinidade com a poesia. Roberto Schwarz resiste ao esforço coletivo de apagamento de rastros, noticiando, nas notas bibliográficas das inúmeras edições de seus livros, a publicação de *Pássaro na gaveta* (Schwarz, 1959) e *Corações veteranos* (Schwarz, 1974).

Nunca reeditados, os dois volumes atestam o engajamento de Roberto Schwarz numa determinada linhagem poética. As poucas reflexões sobre o gênero poesia em suas coletâneas de ensaios — uma quantidade de páginas menor que as dedicadas ao teatro e ao cinema — podem ser consideradas um “subproduto” de sua militância artística.¹ Mas também devem ser lidas como uma explicitação indireta e defesa de sua concepção poética.

A avaliação de poemas de Mario e Oswald de Andrade, contrapostas nos artigos “O psychologismo na poética de Mario de Andrade” (Schwarz, 1965) e “A carroça, o bonde e o poeta modernista” (Schwarz, 1987), indicam que, do primeiro modernismo,

1 Messeder Pereira (1981) cita o seguinte trecho do depoimento de Roberto Schwarz, “a poesia era um pouco subproduto da vida intelectual [...] a minha atividade “responsável” era a atividade, de um lado, de professor, de outro de ensaísta, de crítico [...] a poesia era então um subproduto” (p. 156).

Roberto Schwarz recomenda seguir Oswald de Andrade, mas não Mario de Andrade. Uma escolha, diga-se de passagem, compartilhada com os principais poetas de sua geração.

Nos demais artigos sobre o gênero, Roberto Schwarz posiciona-se diante dos contemporâneos, destacando Francisco Alvim, seu companheiro na “Coleção Frenesi”. Pratica também um acerto de contas com o concretismo, numa análise ferina de um poema de Augusto de Campos.

Seus dois livros encontram-se fora de circulação e no acervo de pouquíssimas bibliotecas. Alguns poemas, no entanto, podem ser lidos em *26 poetas hoje* (Hollanda, 1976), primeira edição comercial da poesia dita “marginal”, em seleção organizada por Heloísa Buarque de Hollanda, reeditada em 2007 (Hollanda, 2007). Trata-se, a meu juízo de um dos pontos altos da antologia, que nada fica a dever seja em comparação com os demais autores da “Coleção Frenesi” — Cacaso, Francisco Alvim, Geraldo Carneiro e João Carlos Pádua —, seja com poetas de outros grupos ali inseridos (“nuvem cigana”, “tropicalistas”, “neoconcretos” etc.).

A mais recente antologia do período, *1970 poesia.br* (Cohn, 2012), em que pese seus inúmeros méritos, ignora o poeta Roberto Schwarz. Acentuando a estranheza, Sergio Cohn, o organizador, dedica cerca de um terço de sua introdução a comentários sobre o livro *26 poetas hoje*.

A crítica mais recorrente (e pertinente) à antologia de Heloísa Buarque ressalta sua limitação geográfica — tratar-se-ia de mero recorte da cena artística carioca. A divulgação dos poetas da coleção Frenesi, na qual se publica *Corações veteranos*, não foge a esse diapasão. Afinal, lançada em outubro de 1974, na livraria Cobra Norato, constitui expressão destacada da poesia que se fazia então na baía de Guanabara.

Na ocasião, exilado, Roberto Schwarz residia em Paris. Sua inserção no grupo deve-se à sua correspondência e amizade com Antonio Carlos de Brito, o Cacaso, organizador informal da coleção. Os livros, um passo além dos volumes impressos em mimeógrafos, foram editados pela Mapa Filmes, de Zelito Vianna, a mesma produtora de, entre muitos outros, *Terra em Transe* e *Cabra marcado para morrer*. O projeto

gráfico e as capas ficaram a cargo da designer Ana Luiza Escorel, filha de Gilda de Mello Souza e Antonio Candido.²

Logo no início da “Nova República” se desfez a frente ampla dos poetas, até então irmanados no combate à ditadura. O ruído mais estridente dessa cisão consistiu na polêmica suscitada pela publicação, em janeiro de 1985, do poema “póstudo”, de Augusto de Campos, no *Folhetim*, suplemento cultural da *Folha de S. Paulo*.³ A análise crítica de Roberto Schwarz foi contestada numa réplica de Augusto de Campos, na qual ele era acusado de ser “mais sociólogo que crítico e mais crítico que poeta” (Campos, 1989, p. 176).

Augusto de Campos, mesmo em pleno exercício de desqualificação do adversário, ainda “reconhecia” Roberto Schwarz como poeta. Essa filiação será desprezada nas repercussões desse conflito — para além do pugilato — nas manifestações dos dois lados desse “fla-flu” paulistano.

Leda Tenório da Mota, professora da PUC-SP, autoproclamada participante do grupo das Perdizes, em *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século* (Mota, 2002, p. 60), ao reconstituir a controvérsia, classifica Roberto Schwarz como “principalmente um prosador, embora lhe ocorra assinar bissextamente volumes de poesia, considerada “imperita” por seus críticos”.

Do outro lado, o livro homenagem *Um crítico dialético na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz* (Cevasco, 2007) ignora quase completamente seus dois livros de poesia. A exceção encontra-se no artigo de Francisco Alambert, que menciona, para fins retóricos, a recepção dos poemas agrupados em *Pássaros na gaveta* pelo então ícone modernista Sergio Milliet.

Esse sequestro talvez seja resultado de um prurido, bastante compreensível na atual conjuntura, travejada por “falsos moralismos”. O vocabulário, o conteúdo e a linha geral de *Pássaros na gaveta* e *Corações veteranos* estão em profundo desacordo

² Em depoimento a Messeder Pereira, Roberto Schwarz conta que os originais de *Corações veteranos* haviam sido recusados pela editora Civilização Brasileira (cf. Messeder Pereira, 1981 p. 157). O encarregado da seleção das obras literárias a serem editadas à época era o poeta Moacir Félix.

³ Roberto Schwarz relata que um dos pontos de sua identificação com Cacaso era a crítica ao concretismo (cf. Messeder Pereira, 1981 p. 143).

com o “senso comum” de nossa época. No poema “Conto de fadas”, por exemplo, se diz:

o ratão transformara-se num príncipe encantado de pau duro
a bocetinha falante de Cinderela babava pelos bigodes.

A estratégia de se valer de expressões próximas de grafites de banheiros visava antes de tudo romper com a dicção elevada imposta pela “geração de 45”, do “alto modernismo” e pelo “concretismo” (sobretudo de Haroldo de Campos). Gesto este compartilhado entre poetas os mais díspares como Roberto Piva e Zuca Zardan.

O efeito dessa poesia nos anos da “Abertura” (1975-1984) foi incomensurável. Sua leitura suscitava uma espécie de sopro de libertação em relação ao conservadorismo político, cultural e social do regime militar. Se o “*scholar*” destacado — autor de artigos em *Les Temps Modernes* e do já então célebre ensaio sobre “as ideias fora de lugar” — escrevera poemas como “Conto de fadas” ou “Passeata” — “pau no imperialismo/abaixo o cu do papa” — adquiria-se a convicção de que não era mera ilusão o slogan proclamado nos muros em Maio de 1968 — “tudo é permitido”.

“Passeata” constitui uma espécie de síntese do tom que perpassa *Corações veteranos*. O procedimento de inversão utilizado em sua composição, a figura de estilo denominada “quiasma”, é recorrente na tradição dialética, apresentando-se aos borbotões na prosa do jovem Karl Marx. As frases entrecruzadas no poema remetem a duas linhagens libertárias: a de resistência política, encarnada na luta anti-imperialista, e a da contracultura, assentada numa demanda de mudança de comportamento que não deixa de fora sequer a vida sexual do sumo pontífice.

A conexão entre forma artística e experiência histórica tem seu ápice no poema “inoxidável”:

Escovou os dentes até que sangrassem. Parou de escovar
quando começaram a sangrar. Não escove até que sangrem!
Meus dentes sangram tão logo comece a escová-los. Antes,
precisava escovar muito, agora é começar e já estão sangrando.
Basta aproximar a escova e começam a sangrar. Às vezes penso

numa escova mais mole, mas sei que mesmo um pincel de barba esfregando bastante, não faz menos efeito que o arame.⁴

O movimento de descontinuidade e inversão de perspectivas; “de construção indeterminada, mais exata”, a recusa da individualização seja dos personagens, seja da *persona*, combina vozes que “muitas vezes, graças ao malabarismo da dramaturgia não sabemos de quem são, a quem se dirigem ou a quem, entre os presentes, se deve o próprio título do poema, que não é uma moldura neutra e que participa do jogo de incertezas do resto”.⁵

Trata-se de um recurso estético do modernismo internacional — recorrente nos romances de William Faulkner, e que alcança expressão magistral no conto “Señorita Cora”, de Julio Cortázar. A consciência histórica ali traduzida esteticamente, na aliança entre imaginação e reflexão, não é local, nacional ou cosmopolita, é indeterminada no quadro estreito do sistema mundo, alude ao mal-estar no capitalismo.

Quando aparece um “narrador” determinado, a *persona* poética compõe-se na figura do exilado, manifesta em “Emigração 71” ou nos versos finais de “Convalescença”:

em surdina
ligeira passa a felicidade pelas minhas
pernas trêmulas e o súbito, embargado
soluçante desejo de viver
os automóveis parados dos dois lados da rua
o céu coberto
a despeito de tudo a beleza
quantos amigos presos

⁴ No artigo sobre “Elefante”, de Francisco Alvim, Roberto Schwarz sustenta que sua geração busca negar a abstração, a ascese, a geometria da vertente construtivista (comum a João Cabral e aos concretos). Procurou desvincular a ênfase da poesia na palavra, valorizando a fala cotidiana. De modo geral, buscaram valer-se do poema breve, do *ready make* e de artifícios da *pop art* para uma estruturação poética assentada em unidades mínimas, mescla do poema-piada de Oswald com o Drummond de *Claro Enigma* (cf. Schwarz, 2012, p. 137-142).

⁵ Comentário de Schwarz ao livro *Elefante*, de Francisco Alvim, que descreve perfeitamente procedimentos de sua própria poesia. Cf. Schwarz, 2012, p. 120.

visto um casaco.

Uma condição onipresente marcada por um sofrimento intenso, mesmo diante da festiva chegada da primavera em Paris.

Aqui e ali pululam poemas que recorrem à cor local, tentativas de mostrar as faturas da identidade (da alegoria) nacional. A primeira estrofe de “informe” diz: “o ridículo casou-se ao sinistro/seu filho é macabro e ministro”. No entanto, Roberto Schwarz procura manter-se alerta, evitando embarcar numa concepção evolutiva da história, atento à estática inerente ao dinamismo do capital: “é uma ilusão de bobos [...] queremos crer que tudo não é igual” (“política das almas”).

A condição de desterrado, condição geral da *persona* de *Corações veteranos*, é ampliada no tempo e no espaço. 16 poemas breves são agrupados sob o título de “Canções do exílio” remetendo a Gonçalves Dias. O poema prosa “Depois do telejornal” supostamente autobiográfico, relata o encontro com uma velha tia surda que “Está em Nova York desde 42, fugiu dos nazistas em 39, foi internada em 40 num campo francês, em 41 passou para um quartel em Casablanca a perdeu a mãe em Buchenwald”.

À maneira do narrador de *Minima moralia*, de Theodor W. Adorno, Roberto Schwarz “em vez de se deter na descrição de idiosincrasias, de especificidades irreduzíveis [...] salienta na condição de banido a condensação que o torna uma figura exemplar da vida mutilada”.⁶

Assim, só resta ao indivíduo no capitalismo lutar pela emancipação política e social. Quem almeja se enquadrar está condenado como (no poema) “Ulisses”,

a esperança posta num belo salário,
corações veteranos,
este vale de lágrimas. Estes píncaros de merda.

⁶ Cf. Ricardo Musse, 2011.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- CAMPOS, Augusto. *À margem da margem*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- CEVASCO, Maria Elisa & OHATA, Milton (org.). *Um crítico dialético na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COHN, Sergio. *1970 poesia.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- CORTÁZAR, Julio. “Señorita Cora”. In: *Todos los fuegos el fuego*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2013.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. São Paulo: Labor, 1976.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto. *Retrato de época: poesia marginal, anos 1970*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.
- MOTA, Leda Tenório da. *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- MUSSE, Ricardo. “Diagnóstico da barbárie”. In: SILVA JÚNIOR, Ivo da (org.). *Filosofia e cultura. Festschrift para Scarlet Marton*. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- SCHWARZ, Roberto. *Pássaro na gaveta*. São Paulo: Massao Ohno, 1959.
- SCHWARZ, Roberto. *Corações veteranos*. Rio de Janeiro: Coleção Frenesi, 1974.
- SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965.
- SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In: *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Ricardo Musse é professor do Departamento de Sociologia da USP. Autor dos livros *Trajetórias do marxismo europeu* (Editora da Unicamp) e *Émile Durkheim: fato social e divisão do trabalho* (Ática). Organizou, entre outros, *China contemporânea* (Autêntica) e *Capítulos do marxismo ocidental* (Unesp). Coordena a *Coleção Ensaios* (Autêntica) e *Coleção Max Horkheimer* (Unesp).